

A FÃ DE PIPoca QUE SONHA CONHECER VALPARAÍSO

Acontrário da doméstica Mailde, a amazonense **VERÔNICA** Cavalcanti, 30 anos, gosta mesmo de pipoca de sal. Tanto é assim que a mulher que veio para Brasília porque queria crescer na carreira comprou quatro saquinhos. É, Verônica deixou o emprego que tinha em Manaus para trabalhar como programadora de uma empresa de desenvolvimento de softwares.

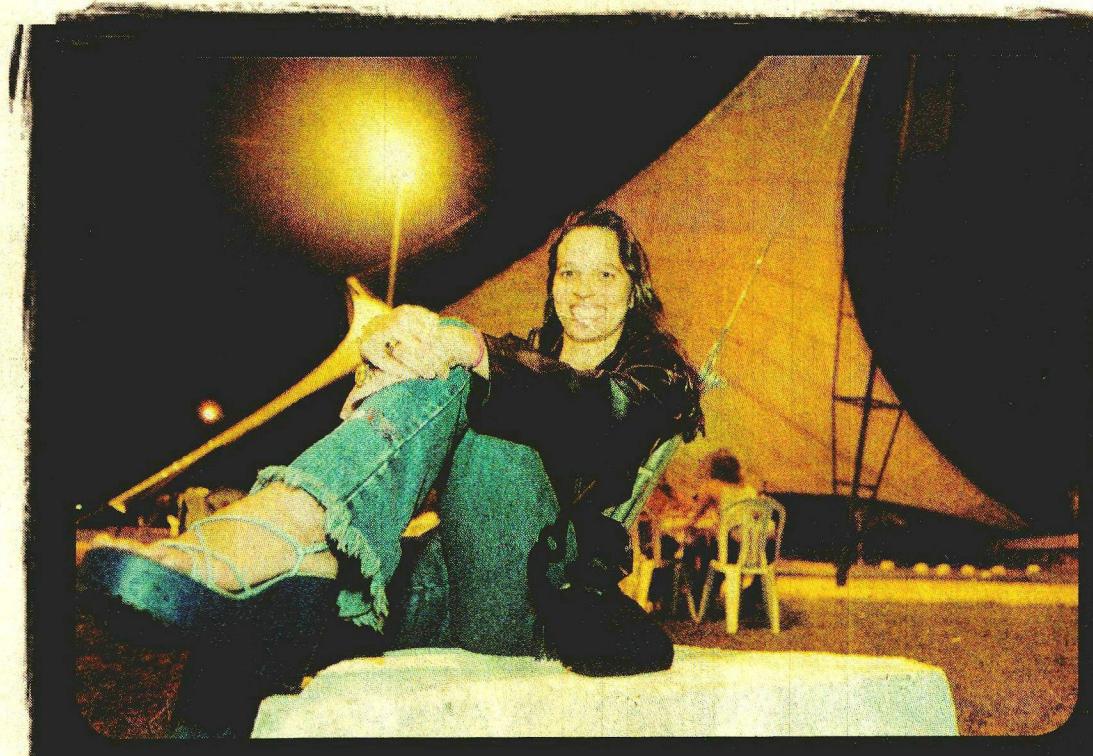
Ela é casada com um colega de trabalho, também amazonense. Quando chegou a Brasília, não tinha onde morar. Passou um mês na casa de dois amigos no Guará, até alugar um apartamento no final da Asa Norte.

A promessa de crescimento profissional vem se cumprindo à risca. "Já fiz alguns cursos interessantes por aqui. Agora, pretendo fazer outro sobre análise de sistemas", comenta.

Para Verônica, Brasília tem uma grande vantagem em relação a Manaus. "Aqui é perto de tudo. Em Brasília, a gente tem a possibilidade de pegar a estrada e conhecer o Brasil. Se estivesse no Amazonas, não poderia ir de carro até Salvador, como fiz este ano".

Ela também já conheceu Pirenópolis, Goiânia, Itiquira e Formosa. Todas cidades goianas. Ainda falta visitar Valparaíso, Chapada dos Veadeiros, São Paulo e Rio de Janeiro. "Não tem coisa melhor do que viajar. Sempre que dá, a gente costuma visitar cidades do litoral", explica.

No dia em que comprou pipoca na Praça dos Três Poderes, Verônica estava ao lado do marido e de duas turistas ilustres: a mãe e a irmã mais no-



PROFISSIONAL DEDICADA, VERÔNICA PASSA OS DIAS FAZENDO CURSOS DE COMPUTAÇÃO

va, que haviam chegado de Manaus. Depois de um *tour* na Esplanada dos Ministérios e no Palácio da Alvorada, os quatro foram curtir o começo da noite na **ORLA** do Setor de Clubes Norte.

Escolheram uma mesa e chamaram o garçom:

pediram bebidas e tira-gosto. O garçom anotou os pedidos de outras duas mesas, foi até a cozinha do quiosque e ordenou que Elias fritasse batatas e preparasse uma porção de camarão empanado.

ORLA. Verônica é uma das poucas pessoas que freqüentam o Projeto Orla. A amazonense é presença certa no lugar, sempre à procura de diversão, cerveja e de bolinhos (cardápio sujeito a variações dependendo da oferta) em algum dos poucos quiosques que restaram na Orla do Lago Norte, na altura da Vila Planalto. É uma sobrevivente em meio ao vazio que se transformou um dos pontos mais movimentados da cidade. O projeto Orla foi criado no início da década de 1990. A idéia foi projetada por uma empresa de consultoria contratada pelo Governo do Distrito Federal para buscar alternativas de desenvolvimento do turismo às margens do Lago Paranoá. Em 1995, o projeto saiu do papel. De acordo com a proposta inicial, seriam 11 pólos ao longo de todo o Lago. As áreas foram então desafetadas e as licitações concluídas. Em 1998, as obras começaram no pôlo 8, e no pôlo 1, conhecido como Pontão do Lago Sul. Assim que o calçadão de pedra portuguesa do pôlo 8 foi concluído, embora o lugar ainda estivesse em obras, o público começou a chegar. E tomou conta do local. Entre maio e dezembro de 1998, 12 mil pessoas passavam pela orla, só no final de semana. Os quiosques estavam sempre abarrotados de gente, e a calçada era tomada por casais de namorados, visitantes passeando com cachorros e atletas praticando esportes. Um verdadeiro Parque da Cidade. A euforia, no entanto, durou pouco. De 1999 para cá, não houve mais investimentos no projeto. O mato cresceu, a lama tomou conta do lugar e o público foi buscar outras alternativas. Muitos quiosques fecharam. Só restaram uns poucos, como aquele em que Verônica procura cerveja, bolinhos e diversão.